Revista Ñanduty
PPGAnt - UFGD

PPGAnt- Programa de Pós-Graduação em Antropologia
UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados

ISSN: 2317-8590
Dourados - MS - Brasil
www.ufgd.edu.br/nanduty

A IMAGEM DA RELIGIOSIDADE ATRAVÉS DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

RENATO GARIBALDI MAURI*

RESUMO

A abordagem feita neste artigo é sobre a imagem e a espiritualidade humana. A religiosidade é um fenômeno social que indica não somente a necessidade do ser humano de pertencer a um determinado grupo social, mas de como esse sujeito vê e interpreta o mundo ao seu redor, de como esse indivíduo utiliza a concepção do sagrado para o encontro com ele mesmo na ânsia do existir e do ser. A dimensão espiritual é uma das características do ser humano, que proporciona uma compreensão do movimento no ato do processo contínuo de viver. A espiritualidade na realidade é uma força que está por trás do espírito que anima todos os processos vivos do ser humano. Possibilitando a visualização dos seus limites e consequentemente dos seus símbolos individuais. A reflexão pode contribuir para uma análise em torno da espiritualidade, da religiosidade, e de sua importância primordial para milhões de pessoas que fixam suas existências em uma crença específica e própria. Levantar a questão da essência da necessidade de um viver que faça sentido. Talvez olhar o outro pelo olhar do outro, de acordo com as verdades construídas e estabelecidas do outro, na relação não do igual pelo diferente, mas na relação do diferente pelo diferente.

Palavras-chave: Corpo; Espiritualidade; Religiosidade; Ciências Sociais

ABSTRACT

The approach taken in this article is about image and human spirituality. The religion is a social phenomenon that indicates not only the human need to belong to a particular social group, but how this guy sees and interprets the world around you, how that individual uses the concept of the sacred to the meeting with themselves in the rush of existence and being. The spiritual dimension is a characteristic of human beings, which provides an understanding of the movement in the act of continuous process of living. Spirituality is actually a force that is behind the spirit that animates all living processes of man. Enabling visualization of its limits and therefore their individual symbols. This aspect is an interesting reflection that will contribute to an analysis around spirituality, religiosity, and its importance for millions of people who fix their stocks in a particular belief and proper. Raise the question of the essence of the need for a living that makes sense. Perhaps another look through the eyes of the other, according to the established truths and built another in the relationship is not the same for the different, but the relation different of the different.

Keywords: Corpo; Espiritualidade; Religiosidade; Ciências Sociais

* Possui graduação em letras pela Fundação Municipal de Ensino Superior de Bragança Paulista (1992), graduação em Filosofia pela Universidade Metropolitana de Santos (2009), mestrado em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (2000), doutorado sanduiche em Motricidade Humana pelo Instituto Piaget (Portugal) (2004) e doutorado em Educação Física (área de atividade física adaptada)pela Universidade Estadual de Campinas(2006). Doutorando em filosofia pela Universidade católica de Santa Fé - Argentina.

Nas pesquisas em ciências sociais, podemos visualizar o ser religioso a partir de um contexto social próprio, na busca de seu desenvolvimento, pois nos deparamos constantemente com situações em que os religiosos usam imagens sagradas como um processo de afirmação e de pertencimento. Neste aspecto se torna necessário repensar a espiritualidade como característica do ser humano, para enfim respeitar as diferenças individuais, sem estereótipos, ou modelos pré-concebidos. Por isso, a pertinência do paralelo entre a religiosidade com a imagem, pois as imagens são formadas a partir das vivências de cada um. Na concepção do corpo percebido de Merleau-Ponty, onde somos o que vivemos e o que vivenciamos em nossas experiências individuais, pois não somos apenas o que quero ser, mas também o que querem que sejamos.

Esses aspectos são estudados em antropologia através da imagem na representatividade das percepçõe. O fenômeno religioso pode ser analisado sobre os conceitos do estudo da imagem, como representação sensorial, pois assim entenderemos a complexidade individual do ser religioso, uma análise sem proselitismos, e sem pré-conceitos, na busca do processo único das vivências experimentadas. Tal processo, através da dialética, consiste em desequilíbrio e equilíbrio para um processo contínuo de crescimento.

A imagem do corpo está inserida nesse contexto de análise, pois é só através do corpo (ser integral), que percebemos a nós mesmos, o outro e as coisas ao redor. Para o ser religioso, a natureza nunca é exclusivamente natural. Ele sente necessidade de mergulhar, periodicamente, no tempo sagrado para encontrar-se com o absoluto, o que ele faz utilizando-se da ritualização muitas vezes em si mesmo, no considerável fator da repetição, e do hábito das representações como visto em Bourdieu. Busca-se nesses encontros uma relação com o sagrado para explicar e entender aquilo que não compreende em seu contexto social.

É no processo de entender a construção da imagem e da experiência religiosa, que encontramos inseridos nas crenças os símbolos, ritos e mitos. Eles desempenham um papel considerável na vida da pessoa, em seus aspectos e crenças primordiais como: nascimento, adolescência, encontros amorosos e morte.

Assim, nesse processo não estaremos apenas objetivando o conhecimento (pesquisas sociais e antropológicas da experiência religiosa) para resultados satisfatórios ou exames teóricos, mas pleiteando uma análise que leve à compreensão da formação do sujeito, por ele mesmo.

Neste artigo será abordado o fenômeno religioso no contexto das ciências sociais, da secularização, e da análise da percepção (imagem sensorial) na religiosidade através do corpo, pois é através da imagem que entendemos o processo de vida dos atores sociais, com as suas paixões, desejos, sublimações e a ânsia de ser transcendental, na concepção filosófica de superação dos sujeitos sociais.

O fenômeno religioso nas Ciências Sociais

O estudo da religião na sociologia possui dois aspectos importantes. O primeiro é a representação que os seres humanos fazem de seu mundo e do mundo do outro, as formas das construções da realidade na mente. Esta representação não é um mero reflexo, mas uma real interpretação das experiências vividas e percebidas; adquiridas dos atores sociais nas experiências múltiplas sentidas no processo da história de cada um. O segundo aspecto é que as religiões fazem parte das produções vividas pelos seres humanos, pois toda a realidade cultural é um produto social.

A sociologia sempre estudou o corpo sobre os aspectos sociais, apesar de não ter utilizado exatamente o termo em questão, porém se considerarmos a posição que o ser humano teve e tem na história, perceberemos que o corpo sempre foi estudado nas principais análises e abordagens, até como aspecto de libertação, e de superação, no universo das formas elaboradas, criadas e recriadas através do corpo que reprime, que coloca culpa, que faz sentir medos, que mata por guerras santas, mas que também tenta transcender a natureza, que também externa suas perplexidades através dos rituais, ou diante da crença no exercício pleno do acreditar no positivo apesar de um contexto social caótico.

É comum encontrarmos a crença em um Deus que é a fonte da vida, ou apenas um passatempo, no ato altruísta de amar o próximo ou na utilização do processo de exclusão ao membro que não se ajusta aos dogmas eclesiásticos, que significa tanto buscar a sapiência da ciência, ou questioná-la, como argumentar sobre a existência da alma ou de sua ausência, como também guardar diferentes dias sagrados, e as práticas diferenciadas como raspar o cabelo ou nunca ter que cortá-lo. Falar sobre o ser religioso é também falar da arte, dos símbolos, da poesia, e principalmente falar das imagens que permeiam as essências do ser humano.

Assim, a sociologia analisa as múltiplas possibilidades dos seres religiosos da crença em um único Deus ou no acreditar em vários deuses, tanto na característica de um universo de espíritos como o de demônios; tanto em sua formação

quanto em seu destino. Em uma abordagem ao sobrenatural ou de algo sobre social que permeia a diversidade dos seres humanos, tanto quanto a prática através dos corpos humanos, pois o sagrado também se revela através dos gestos e expressões corporais.

Existem algumas afirmações que datam o início da abordagem científica ao fenômeno religioso próximo à segunda metade do século XIX. Porém, precisamos reconhecer que foi no século XVIII que se caracterizaram duras críticas à religião institucionalizada no iluminismo francês, simultaneamente com as pretensões de hegemonia institucional e sociocultural. Nessa mesma data surge o questionamento sobre a história da salvação e do mundo, problema este que era dos tempos entre a igreja e o império.

Com os questionamentos, a separação entre o "sagrado" e o profano se alargou, juntamente com a secularização, que veremos mais tarde. Nesse contexto, a filosofia foi se emancipando da teologia, que ocasionou uma justificação dos clérigos para acepção sobre o laicato.

Logo a cultura laica proclamou sua independência do sistema clerical, caracterizando as antíteses entre os clérigos e os laicos. Porém, os leigos não deixaram de imediato os princípios cristãos, mas largaram os modelos institucionais de pensar e agir.

A religião natural passou a ser um novo paradigma, pois era a consideração da razão humana e não mais pela religião revelada cuja dimensão era atingida pela fé, onde a igreja tinha uma participação integral.

Nesse contexto, o direito passou a ser fundamentado e não mais ordenação jurídica eclesiástica. Os deitas ingleses deixaram de usar a revelação como fundamento em seus discursos. Entram em cena a razão e a consciência humana, ganhando um alicerce na nova maneira de pensar. Desta forma, Joaquim Matheus (1971) faz uma crítica da religião que passou a ser uma consequência natural da crítica da tradição.

Com o tempo, a religião passaria a ser vista como uma forma de impedir o progresso racional. Consequentemente a esse fato, surgiu uma necessidade da formação de uma religião racional com o cunho ético, livre da teologia clerical. Rousseau e Comte iriam propor uma religião humana e racional, diferente das religiões criadas pelos sacerdotes cristãos. Essa tendência teve sua importância, pois foi a integração entre a religião, história e a vida dentro de uma ética racionalmente regulada no mundo ocidental.

Esse quadro vai predominar até o século XIX, quando surgem as modernas ciências humanas e as principais contribuições para o estudo do fenômeno religioso. É imensamente válido analisarmos os principais pensadores para entendermos o percurso do processo sobre a religião e de suas mudanças no decorrer da história.

Para Feurbach (1804-1872), a crítica da religião está na concepção de uma auto-alienarão do ser humano dificultando a auto-realizarão. Explica que Deus (Espírito Puro) era uma projeção do ser humano (quanto mais fraco o ser humano mais forte será Deus) e sobre a religião ele argumenta que o conteúdo da religião é puramente humano, o transcendente é só uma forma humana de sentir, e a religião é um sonho da mente humana e dizia que o clero organizado era o responsável pela alienação do homem.

Augusto Comte (1798-1857) é associado ao positivismo, às principais asserções de Comte são: A) A sociedade deve ser estudada por métodos objetivos, ou seja, positivista. B) Dividiu a sociologia em dois compôs: dinâmica e estática social. Considerado pai da sociologia, por ter sido primeiro a escrever o termo sociologia. Comte teorizava em seus discursos sobre o abandono da mitologia, teologia, metafísica, aspectos esses que caracterizam a infância da humanidade. Os estágios seriam: fetichismo (vida, ação e poder a animais ou seres inanimados), politeísmo (traços humanos aos deuses ou entidades sobrenaturais), monoteísmo (período da observância de um só Deus). Nessa nova etapa (positivista) a sociologia substituiria a religião. Assim, como ciência, a sociologia resolveria os problemas da humanidade e promoveria a "ordem" e o "progresso". Contudo, no final da vida, após a morte de Clotilde (sua musa), ele propôs uma nova religião que cultuava razão e humanidade.

Considerado o fundador da sociologia na Inglaterra, Herbert Spencer (1820-1903) empregou a teoria do evolucionismo, com estágios simples para estágios complexos[1]. O principal fator sociológico em Spencer era a unidade de conteúdo , não criando campos restritos, mas um paradigma unificado em termos indutivos , assim focalizou a estrutura social , as funções sociais , as transformações sociais . Com isso Influenciou Taylor, principalmente no que é concernente ao estudo da religião feito por Durkheim (FERRARI, 1926).

Karl Marx (Economista, filósofo, pensador social, político, alemão, pai do materialismo

1. A teoria do evolucionista possui três fases que são: 1ª fase – a interação ou acumulação de massas sociais, sob o influxo de forças heterogêneas, marcados por novos aspectos integrantes, como a cultura; 2ª Fase – a diferenciação que transforma a uniformidade num complexo de partes diferentes; 3ª Fase – equilíbrio final.

histórico, contribuiu de forma significativamente para a sociologia, apesar de não usar distintamente o termo, foi aluno de Hegel e amigo de Feuerbach, teve concepções dialéticas e considerava a religião como alienação e compensação. Marx achava que o problema da religião estava resolvido nas teorias de Feuerbach sobre a tese da projeção), e que isso era um problema social.

Dizia que as origens desses problemas sociais estão na opressão do operário pela burguesia. O sentimento religioso nasce de uma realidade histórica, pela ocupação das pessoas em um determinado espaço no processo de produção. A opressão cria a busca de uma ideologia, e que ao mesmo tempo consola e abranda os sofrimentos, consequentemente terminando as causas, a religião perderia a razão de ser. Para Marx a luta de classes seria o motor causador da religião.

O ateísmo seria uma posição necessária para a transformação social. Porém o marxismo não deixou de implantar um sistema de crenças com características religiosas, fundada em esperanças e utopias (Verret, 1975). Considerando ainda as questões marxistas da religião, não poderíamos deixar de citar Gramsci (Portelli, 1984), que propõe novos caminhos para análise marxista da religião. Gransci ressalta que o catolicismo democrático faz o que o socialismo não poderia, no caso, que, ordena, vivifica e se suicida, como também Ernest Bloch (Furter, 1974) comentou no princípio da esperança e as utopias.

Outro autor importante para a pesquisa das religiões é Emile Durkheim (1858-1917), considerado pioneiro da sociologia da religião, sua principal contribuição para área foi às formas elementares da vida religiosa. Publicou várias obras sociológicas como: A divisão do trabalho social, As regras do método sociológico e o suicídio. Analisou a solidariedade mecânica e orgânica.

Para Durkheim a religião deveria ser estudada como autêntico fato social, por causa disso ele buscou analisar as manifestações mais simples como as religiões primitivas. Ele acreditava que as formas elementares seriam mais simples de se atingir e explicar, pois a religião surge da separação entre sagrado e profano. A religião se liga na existência entre consciência individual e coletiva, esta última é guiada pelas apresentações coletivas, sistematizadas como a linguagem e a religião.

Para ele não existe religião falsa, todas elas respondem, de formas diferenciadas à existência humana e não é nada inferior a experiência científica, apesar das diferenças. Apesar da religião se ligar às necessidades sociais para reforçar o controle social e evitar a anomia. Esse é o motivo pelo qual essas normas são colocadas acima de todas as outras, pois é mantida em um sistema de manutenção da ordem que culmina gerando as solidariedades mecânicas e orgânicas. Logo, a religião exerce seu papel social de criar, manter e reforçar a ordem social.

A religião com seus ritos, mitos é uma das maneiras de reafirmar o próprio grupo. Este grupo social especifica seus desejos através de um "Deus", isso não só através da coletividade, mas também no aspecto individual, pois a religião eleva o ser humano a tal ponto de fazê-lo viver uma vida diferente da qual está "condicionado".

Enfim, para Durkheim a religião é um sistema de práticas relativas a coisas sagradas, o que é facilmente observado em uma reforma primitiva da religião.

Em Weber (Max Weber- 1864-1910) a atenção se intensificou na relação entre o protestantismo e o comportamento econômico (capitalismo). Para esta demonstração ele estudou três momentos, a saber: o monoteísmo judaico, o ascetismo monástico medieval e o ascetismo intramundano da reforma. Salienta que o protestantismo ganhou força com a racionalização e com a desmotivação do mundo.

Na "ética protestante e o espírito do capitalismo" ele tentou relacionar o espírito do capitalismo (trabalho, lucro, acúmulo de bens) com a ética protestante (ideal de inserção no mundo, compartilhar a fé com a aquisição do dinheiro, o lucro, ter uma estrutura financeira para demonstrar o progresso do "crente", como também a predestinação, a ordem, disciplina) além da ligação entre filiação religiosa e a estratificação social.

Apesar de existir várias argumentações contrárias a conclusão de Weber, que pela qual podemos citar Georges Gouan (1919- cidade igreja Genebra) argumentou que não foi a doutrina e sim o individualismo calvinista secularizado que se inseriu no individualismo capitalista ou André G.Sayons afirmou que não há nenhuma ligação entre calvinismo e capitalismo, ou John U. Nef (historiador americano) dizia da necessidade de separar e diferenciar civilização industrial e capitalismo, sendo assim foi à revolução industrial que agiu e influenciou a doutrina e não o contrário, pois até 1650 os ensinos dos pastores calvinistas eram direcionados a doutrinas medievais (Campos, 1998).

Nas discussões o grande mérito de Weber foi ler sistematizada uma sociologia para o estudo das religiões, fazendo uma "pesquisa exploratória do investigar os tênues fios que ligam economia e religião" (Wach, Joaquim 1990) apesar dessa área ser apenas uma das muitas formas e um dos

muitos aspectos da sociologia da religião.

O interesse das ciências humanas é do mesmo período do surgimento da antropologia, da psicologia e da sociologia. O estudo das ciências da religião ocorreu das pesquisas realizadas dessas áreas a fins. Max Muller (1867) foi o responsável pela divulgação da expressão ciência da religião ou ciência comparada da religião.

Logo surgiram as primeiras cátedras em Genebra (1873), na Holanda (1876), na França (1879) no Colega de France e em 1885 em Soborne. Na Alemanha (Berlim) em 1910. No final do século XIX, circularam os primeiros periódicos sobre o tema. Na América do Norte em 1890 foi fundada a sociedade Norte Americana de Religião Comparada e em 1893 foi realizada em Chicago o parlamento mundial das religiões. Entretanto as ciências da religião receberam o liberalismo Norte – Americano, o que ocasionou na ênfase da ideia do universalismo e do reino de Deus na terra. Já na Europa ocorreu o oposto, devido à influência do positivismo, do iluminismo, e do evolucionismo. Foi nesse contexto que surgiram as teorias de Feuerbach, Marx, Freud, abordagem esta que será feita no próximo item sobre o secularismo (Wach, 1990).

É inegável, atualmente a ligação entre a religião e a cultura. Essa relação remonta os primórdios das pesquisas das Ciências Sociais. O fenômeno Religioso desde então tem se demonstrado complexo e diversificado.

A sociologia o estuda como um conjunto de conhecimentos de forma científica e sistemática, tanto nas observações da sociedade quanto no que se refere ao comportamento dos indivíduos. Para Joachim Mathes (Mathes, 1971) a sociologia estuda a reciprocidade entre religião e sociedade tanto quanto a análise das instituições, dos valores e dos comportamentos científicos.

Para ele a religião é a vivência com o sagrado, portanto o objeto de estudo da sociologia da religião não é a experiência religiosa em si, em suas especificidades dogmáticas, mas a relação entre a experiência religiosa e a sociedade, caracterizando, portanto a ciência setorial, que não se refere a essência da religião, mas no sentido da compreensão que pressupõe o conhecimento dos fatos, a contribuição dos sentimentos, a renúncia da vontade, e a complexidade do objeto de estudo.

Secularização

Das discussões dos anos da década de 60 em torno da secularização, ficou claro que esse processo era da transformação do que antes era sagrado, divino, sobrenatural, agora profano e secular.

Isso significa que todas as coisas estão sob o domínio de uma compreensão racional, declarando uma emancipação do mundo da ligação religiosa. A palavra vem da importância que o segundo tem sobre o primeiro, pois antes o primeiro era o sagrado, o religioso e o segundo profano, secular e "mundano", e sempre o segundo era subordinado ao primeiro, por isso o termo sugere a priorização do que estava em plano submisso.

Apesar das previsões dos sociólogos o sagrado não ficou desacreditado e assim como Marx tinha afirmado que a religião é o ópio do povo, Freud relacionou com a ilusão, Sartre com a paixão infantil e Nietzshe com o decreto da morte de Deus. Acreditava-se que a ciência iria salvar o mundo, que as guerras terminariam que a sociedade seria mais justa, e verificou-se que Deus estava mais vivo do que nunca, a "modernidade" entrou em crise e entramos em uma chamada "pós-modernidade" e com esta ouve o despertamento do sagrado (Mondin, 1999). O reavivamento dos mítico-espitirituais, pentecostais e carismáticos, marcou uma real inversão do prognóstico feito pelo laicismo. Inclusive as religiões institucionalizadas tiveram um acréscimo no número de membros. Foi, portanto comprovado o equívoco do fim da religião ou da morte de Deus. Com a vinda do racionalismo, houve o crescimento do capitalismo, e por consequência ocorreu a ênfase ao materialismo e o individualismo. Logo o homem sentiu o vazio da existência e procurou o preenchimento deste também com a religião, na ânsia de encontrar razões para seu destino sem esperanças com as guerras intermináveis, com a formação das favelas, com a fome assolava e assola o mundo dos miseráveis, com as injustiças sociais.

A secularização e o capitalismo não tornaram o homem livre, mas escravos de seus próprios grilhões, inclusive ao homem burguês que se torna à mercadoria que tanto almeja no processo de se consolidar como "coisificado", fazendo o ser humano escravo de suas criaturas.

No mundo contemporâneo visualizamos um crescimento considerável da religião, pois dos a maioria de seres humanos no mundo são religiosos ou pertencem a alguma seita. Por isso a religião foi, e ainda é, um campo de estudo altamente promissor, não só pelo número, mas pelas formas diversificadas de culturas presentes no mundo contemporâneo, de seres que vivem, sentem e percebem o espaço a sua volta, esse aumento é devido em grande parte pelo que foi escrito no parágrafo anterior, pois por causa da própria necessidade o homem busca deus através da percepção de uma religiosidade.

Percepção e religiosidade

O sagrado envolve o homem religioso tanto no aspecto cognitivo quanto no aspecto afetivo. Logo a percepção do sagrado não é obra da razão, nem dos sentidos que emana de uma montanha, ou de um rio, ou de uma pessoa, ou de objetos, mas de uma ressonância psíquica, um sentimento de emoções que levam a reverência, a adoração, a submissão, e o temor de um sentimento religioso (Mondin, 1997).

Para que isso ocorra, o sujeito tem que estar em sintonia com o objeto em questão, interagir com o "profano" consequentemente culmina na separação do sagrado, e o desligamento diminui consequentemente as interações, e as afinidades com a religiosidade, permanecendo o ser religioso isento do sentido do êxtase que o sagrado proporciona. Por esse motivo o prazer muitas vezes, nas denominações religiosa, precisa ser podado, domesticado ou negligenciado. O controle das entidades em torno do devoto é principalmente feito pela restrição do prazer ou das imagens que se estabelecem diante do prazer.

Assim, entendemos que conhecimento de determinada doutrina a que o religioso está inserido, não segue apenas para aproximação com o sagrado, mas também para reproduzir argumentações em prol de um convencimento, que não serve só para o próprio religioso, mas para o outro a quem se quer integrar em determinada religião. Os aspectos axiológicos devem estar inseridos também na epistemologia própria a fim de legitimar as normas estabelecidas por uma denominação religiosa especifica.

No processo do desenvolvimento já comentado no histórico da religião, do secularismo ao ateísmo, na declaração da morte de Deus, surge no século XX uma nova imagem do sagrado, que reconhece o sagrado por aquilo que é em sua essência, não se preocupando em interpretar, mas em descrever o fenômeno religioso, esta é a abordagem fenomenológica.

Rudof Otto (1985) foi o percussor desse estudo no ensaio que denominou de sacro, com o irracional na ideia do divino e sua relação ao racional, isolando o sagrado, de todas as outras categorias da ciência. Esse sagrado é algo que se mostra como luminoso, de forma a se tornar inatingível pela razão. O homem percebe o transcendente através da própria nulidade, é tomado pelo medo e sente paz. Por causa disto o ser humano se sente atraído pelo sagrado que é misterioso e oculto, surge o respeito ao valor onipotente, onisciente, onipresente.

As religiões "primitivas" relatadas por G.Vander Leew (1937) explicitaram as duas faces do sagrado, tanto com relação ao mistério como com a alteridade (experiência vivida), e assim elabora uma definição do *homo religiosus* que direciona o homem diante da força do sagrado, e adapta o próprio comportamento em relação à crença.

Mircea Eliade (1907-1986) também contribui com o estudo da fenomenologia. Demonstrou que o sagrado se manifesta através da força, diferentemente das forças naturais e propôs o termo hierofania, mostrando que o sagrado se manifesta no tempo e no espaço, sendo assim algo que se descreve na heterogeneidade das múltiplas formas através dos ritos, mitos e símbolos. Onde cada categoria possui uma morfologia específica, revelando não só o sagrado, mas o próprio ser religioso.

Eliade mostrou que o sagrado se revela com uma força transcendente, de um Deus ou de deuses que atuam na vida dos religiosos. A análise fenomenológica relata que o sagrado "não é uma criação humana. O homem só o descobre porque a imagem do sagrado se manifesta" (Mondin, 1997).

Essa é uma das análises que mostra a existência de um transcendente, pois para entender as noções imagináveis do sagrado é necessário interagirmos com os fundamentos primordiais da religião.

É nesse contexto que se torna extremamente necessário o estudo que se faz do mito, rito e do símbolo, pois é a forma notória de implicação comprometimento e de envolvimento do ser religioso, aliás, a maioria das pesquisas se refere à prática como objeto de estudo.

Sendo assim o grupo além de dar sentido à prática simbólica possui um aspecto afetivo que é coletivo e central.

O objetivo não é nem a transmissão de um conhecimento, mas a reafirmação de um sentido. Se o sentimento de implicação for ausente as práticas se perdem ou se tornam formais contribuindo para uma imagem que resulta de uma certa apatia espiritual, por isso a prática deve ter um sentido espiritual.

Mesmo que o membro (indivíduo inserido em uma denominação religiosa) seja coagido por um grupo a ter determinado comportamento, pois quando ocorre uma diminuição da imagem de uma prática simbólica, na maioria das vezes, acontece uma substituição das mesmas práticas.

Considerações Finais

Pela compreensão que temos sobre as construções das imagens entendemos a relação direta da imagem que resulta nas emoções, sensações e percepções que temos e sentimos no decorrer de nossa existência, a partir disto compreendermos a religião, a religiosidade, na relação das vivências pessoais. Visualizamos que o fenômeno religioso faz parte das funções perceptivas no desenvolvimento do corpo (unidade de funcionamento bioquímico e biofísico com os fluídos, órgãos, músculos e ossos).

O experimentar das imagens religiosas se fazem através do mergulho que o ser humano faz em si mesmo na busca do transcendente, na possibilidade de vivenciar os momentos para superar os limites e as perdas da existência, buscando diante de uma experiência concreta, a transcendência em um transcendente.

O significado de transcendente se diversifica em seu uso, pois para a filosofia o conceito é de que transcendência significa ultrapassar, ir além de superação. Na filosofia existencial, a consciência não é em si, mas se acha voltada para algo fora dela, é um pólo dialético da facilidade (O homem se encontra em situações dadas e não escolhidas), e através disto o homem supera as situações dadas.

Se formos considerar a questão filosófica entenderemos que para o ser humano é primordial estar em transcendência, o que significa estar em oposição ao estado de alienação, pois esta surge na vida econômica quando o proletariado vende sua força de trabalho, perdendo o que produziu. A consequência da perda é a fragmentação da consciência, que também deixa de pertencer ao sujeito, tornando o sujeito da história em objeto da mesma. Logo a pessoa deixa de estar e ser o centro para ser comandada de fora, perdendo com isso a sua individualidade e sua consciência crítica, esse é o aspecto mais negativo das instituições religiosas que transformam o indivíduo em simples marionetes do sistema.

Este aspecto facilita a compreensão do ser religioso, nas suas práticas, nos seus símbolos. Porém é pertinente entender o ser religioso no contexto do outro pelo outro, na relação do diferente pelo diferente, no seu próprio processo de crescimento e desenvolvimento individual.

É justamente o funcionamento do sentir emocional que aparecia como o elemento de conexão entre o sentir perceptivo e o funcionamento corporal. É o sentir do homem em sua percepção e de sua sensação. O ato de emocionar aproxima o ser humano dele mesmo, no sentido da dor e do prazer.

O ato de emocionar, de entender a religiosidade, os sentimentos, as necessidades de cada um, de compreender as imagens do outro, faz parte do sentido de sermos e de existirmos, diante de uma sociedade que prega constantemente o superficialismo, o individualismo e a banalidade de um viver com discriminações, na consideração somente do lógico e não das buscas que o ser humano precisa.

O grande papel social que o ser religioso vive, na sua importância de se sentir vivo, de participar de um papel social específico que para ele se torna notório, para se sentir mais humano, nas posições sociais que julga importante pela oportunidade de ser e existir. Cada pessoa tem um caminho para a transcendência, e que cada pessoa busca de forma diversificada a essência do viver, algo que tenha um real sentido para a vida.

Pois "O Homem é a complexidade, no meu pensar em movimento incessante à transcendência". "O homem é o único ser que tem consciência de si mesmo, como ser genérico e ser finito, de superar o que é – com uma nítida vocação de transcendência; com uma força espontânea e fascinante de fazer da transcendência uma afirmação da liberdade e dignidades humanas; reivindicando que é, pela transcendência, que se constrói o homem novo. O que é o homem? É um ser aberto à transcendência" (Sérgio, 1999. pg. 225).

Bibliografia

ADRIANE, M. **História das religiões**. Lisboa: Ed. 70, 1988.

ALVES, Rubem. **O que é religião?** São Paulo: Brasiliense, 1997.

BERGER, Peter. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulinas, 1985.

BOURDIEU, Pierre**. O poder simbólico**. Lisboa: Difícil, 1989.

BOWKER**,** John. **Para entender religiões**. São Paulo: Ática, 1977.

CAMPBELL**,**JOSEPH.**Istoéstu?Redimensionando a metáfora religiosa**. São Paulo: Landy, 2002.

CAMPOS, Leonildo da Silveira. **Abordagem nas aulas sobre o fenômeno religioso nas ciências sociais.** São Paulo: Umesp, 1998.

CAMPOS, Leonildo da Silveira. **Teatro, Templo, Mercado**. São Paulo: Vozes, 1997.

DOLTO, Françoise. **A imagem inconsciente do corpo**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

DUARTE**,** Edison. **Abordagem nas aulas de imagem corporal**. Campinas: Unicamp, 2004.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Paulus, 1999.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERRAROTTI. F. **Sociologia da Religião**. São Paulo: Paulinas, 1990.

FERRARI , Alfonso Trujillo. **Fundamentos da Sociologia**. São Paulo: McGraw - Hill, 1983

FURTER, Pierre. **Dialética da esperança: Uma interpretação do pensamento utópico de Ernest Bloch.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

HOUTART, François. **Sociologia da religião**. São Paulo: Ática, 1994**.**

KAST, Viria. **A dinâmica dos símbolos**. São Paulo: Loyola, 1997.

JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

MARTELLI, Stefani. **A religião na sociedade pós moderna**. São Paulo : Paulinas , 1996.

MATTHES, Joachim. **Introduciòn a la sociologia de la religion**. Madrid : Alianza , 1971.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **Protestantes, Pentecostais ecumênicos**. **O campo religioso e seus personagens.** São Bernardo do Campo: Umesp, 1997.

MONDIN, B. **Quem é Deus?** São Paulo: Paulus, 1997.

O'DEA, Thomas. **Sociologia da religião**. São Paulo: Pioneira, 1999**.**

OTTO, Rudolf. **O Sagrado**. São Bernardo do Campo: Ciência da Religião, 1985.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**.São Paulo:Martins Fontes, 1999.

PORTELLI, Hugues. **Gamsci e a questão religiosa**. São Paulo: Paulinas, 1984.

SÉRGIO, Manuel. **Um corte Epistemológico**. Lisboa: Piaget, 1999.

SCHLEIERMACHER **e OTTO**. **O sagrado: um estudo do elemento não racional do divino e suas reações com o racional**. São Bernardo do Campo: Umesp, 1985.

SHILDER, Paul. **A imagem do corpo**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

TAVARES, Maria da Consolação G. Cunha F. **Imagem Corporal**. São Paulo: Manole, 2003.

VERRET, Michel. **Os Marxistas e a religião – Ensaio do ateísmo moderno.** Lisboa: Prelo, 1975.

WACH, Joachim. **Sociologia da Religião**. São Paulo: Paulinas, 1990.